

HOBBS, R.; JACKSON, R. *Roman Britain, life at the edge of empire*. Londres, British Museum, 2010, 160 pp., ISBN 9780714150611.

Pedro Paulo A. Funari\*

O Museu Britânico tem larga tradição de publicar livros, a partir do seu acervo, de responsabilidade de estudiosos da própria instituição, como neste caso. Hobbs e Jackson são curadores das coleções romano-britânicas e apresentam um quadro amplo e variado da Bretanha em época romana (43-410 d.C.). Já na introdução, os autores esclarecem que a Arqueologia, à diferença das fontes históricas da tradição textual, continua a nos surpreender com descobertas inesperadas e a nos ajudar a compreender questões econômicas, sociais e ambientais relativas à vida nas Ilhas Britânicas na época romana. O volume, de forma consistente com esta posição, reúne 125 ilustrações de uma ampla gama de artefatos da cultura material, de mosaicos a ânforas, passando por moedas, estátuas e muito mais.

Os bretões antes dos romanos são tratados em um capítulo inicial. Os castros celtas (*hillforts*) haviam sido interpretados como estruturas defensivas, em um ambiente de guerra contínua. As discussões arqueológicas recentes, contudo, apontam para um uso simbólico, além de servir como centro de armazenamento e distribuição de alimentos. Outro aspecto ressaltado pela literatura recente é o papel destacado das mulheres nas tribos bretãs, como no caso de Cartimandua. O conhecimento dos costumes romanos era amplo no sudeste da Bretanha, no início da era cristã. A conquista é apresentada como um processo lento, de muitas décadas, com a participação ativa de provinciais, de modo que

Roma foi representada, desde o início, por uma ampla gama de grupos sociais.

A vida militar e civil merece um capítulo próprio. O papel do exército no abastecimento da província é enfatizado, assim como a importância dos soldados na vida provincial. Alguns documentos arqueológicos militares são muito informativos, como os diplomas que certificavam os direitos à cidadania e ao matrimônio para os veteranos. Outro capítulo volta-se para a língua e o uso da escrita. Antes da chegada dos romanos, as pessoas não escreviam, mas podiam, em alguns casos, conhecer mais de um idioma falado. Após a conquista, o domínio do latim e da escrita passou a ser um fator de distinção social, no sentido dado pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu. Muitas pessoas vinham dos mais distantes rincões do mundo romano, como atestam as inscrições, que se referem, por exemplo, a sírios e gregos em plena fronteira setentrional do império. Os autores, como outros estudiosos das evidências arqueológicas, consideram que a alfabetização era muito mais generalizada do que se esperaria e do que a historiografia tradicional admite, pois há muitas inscrições que atestam o uso popular do latim.

O mundo do trabalho (camponeses, artesãos e comerciantes) talvez seja aquele melhor aquinhado pelas descobertas arqueológicas, como atestam os sapatos, os vasos de vidro e cerâmica e muito mais. Também a vida na cidade e no campo é revelada pela Arqueologia. Os autores calculam que de uns dois milhões e meio de habitantes, uns 250 mil viviam em cidades, guarnições militares e centros urbanos secundários. A capital, Londinium (Londres) chegou a ter uns trinta mil habitantes, um número relevante, se

(\*) Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/ Centro de Estudos Avançados da Universidade Estadual de Campinas-Unicamp. <ppfunari@uol.com.br.>

considerarmos, por exemplo, a população estimada de Pompéia, que seria um terço disso. O anfiteatro de Londres, escavado há pouco tempo, podia congregar um terço da população total (10 mil pessoas). O caráter cosmopolita da vida religiosa em Londres aparece nos vestígios arqueológicos, que incluem divindades como Baco, Hércules, Mitra, Cibele, entre outros. As pesquisas arqueológicas, em especial os levantamentos de superfície, levaram à descoberta de uma infinidade de sítios romanos, com destaque para temas antes menos lembrados, como as casas redondas dos bretões, que persistiram durante o período romano. Mesmo nas fazendas (*uillae*), os arqueólogos passaram a escavar também as partes servis, com a produção de novas e inesperadas evidências da vida cotidiana popular.

No âmbito religioso, os autores reforçam a extrema importância e difusão dos cultos e o papel do sincretismo entre divindades locais e

mediterrâneas. Muitos templos foram erguidos nos antigos lugares sagrados dos celtas. O cristianismo foi difundido muito cedo na província, embora só se tenha popularizado no quarto século. O período imediatamente posterior ao domínio romano, a partir de 410, é conhecido apenas pela Arqueologia, que testemunha a entrada de tribos germânicas e mudanças profundas na antiga província romana.

O volume pretende oferecer ao leitor um panorama amplo do período romano na Bretanha e o faz de modo muito abrangente. Os autores destacam como as pesquisas arqueológicas têm produzido uma quantidade crescente de informações sobre os mais variados aspectos da vida na província. As imagens, de alta qualidade, são comentadas no texto e complementam, de forma admirável, a narrativa que fornece um quadro convincente da vida cotidiana na Bretanha romana.

*Recebido para publicação em 26 de dezembro de 2010.*